

A MORTE COMO MARCA DA ORALIDADE ANCESTRAL E DA MEMÓRIA COLETIVA NO BATUQUE DO RS

ROSEANE BARBOSA DUARTE¹;
JANAIZE BATALHA NEVES²

¹*Universidade Federal de Pelotas – roseanebduarte@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – janabneves@hotmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Para as religiões de matriz africana, em especial o Batuque do Rio Grande do Sul, a morte não é o fim. Ela é compreendida como uma passagem para outro plano: o desligar-se da matéria física para se eternizar no mundo espiritual, um retorno à massa de origem. Essa visão marca práticas como a recusa à cremação do corpo, visto que este deve voltar à natureza, adubar e florescer. Repleto de significados e tradições ancestrais, o rito fúnebre no Batuque é profundamente marcado pela oralidade, que assegura o aprendizado e a transmissão de saberes entre gerações.

A fundamentação teórica se apoia em BORBA (2013), que analisa a proximidade entre ritos africanos tradicionais e os praticados no Batuque do Rio Grande do Sul; em SOUZA (2006), que descreve a importância hierárquica para a realização dos rituais; e em MÃE BEATA DE YEMONJÁ (2008), que ressalta o valor pedagógico e comunitário da oralidade nas práticas religiosas. Estes referenciais permitem compreender a oralidade não apenas como técnica de transmissão, mas como elemento central de preservação da ancestralidade e fortalecimento identitário.

O objetivo deste trabalho é analisar como os ritos fúnebres do Batuque do RS, por meio da oralidade, preservam a memória ancestral, constituindo-se em práticas de resistência cultural e educativa.

2. METODOLOGIA

Pesquisa bibliográfica e interpretativa, com base em autores que abordam a temática, como Rudinei Borba (2013), Hélio Elenito de Souza (2006), Mãe Beata de Yemonjá (2008) e Pai Branco de Oxala (2021). Considera-se a observação das práticas e relatos transmitidos oralmente em comunidades de terreiro, valorizando a oralidade como fonte legítima de conhecimento.

3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS

Repleto de significados e tradições ancestrais, o ritual fúnebre é marcado pela oralidade em cada etapa. É através dela que se dá o aprendizado, o respeito e a transmissão dos segredos que orientam a condução dos ritos de passagem. Cada nova geração torna-se responsável pela preservação das práticas, aprendendo com os mais velhos a cumprir com rigor os preceitos.

No livro “Arísùn O Ritual Fúnebre no Batuque do RS” (BORBA, 2013, p. 17), o pesquisador Rudinei Borba relata o quão próximos são os ritos funerários tradicionais africanos daqueles ainda realizados no Batuque do Rio Grande do

Sul. Essa proximidade demonstra que, por meio da memória coletiva e da oralidade, a tradição atravessou o oceano junto com os ancestrais, mantendo-se viva mesmo após a diáspora. Assim, percebe-se que a oralidade não se manifesta apenas em obrigações religiosas ou festas, mas também nos rituais fúnebres, como demonstração de respeito e continuidade da vida daqueles que transmitiram saberes e que passam, após a morte, a ser cultuados espiritualmente.

A morte de um adepto interessa a toda a comunidade religiosa. Durante a vida, essa pessoa exercia algum papel ou status, seja dentro de seu terreiro religioso ou na comunidade mais ampla. Como observa SOUZA (2006, p. 59), “só são efetuados os rituais funerários completos se o iniciado possuir nível elevado dentro do culto, caso contrário os rituais terminam no momento da preparação do caixão”. Assim, comprehende-se que o cortejo fúnebre e a ritualística mais elaborada estão diretamente ligados à importância social e espiritual que o falecido possuía. É nesse momento que a oralidade ritual se manifesta com intensidade: cânticos, rezas e narrativas de vida perpetuam a memória da pessoa e a inserem no coletivo ancestral.

O tambor, elemento central da religiosidade afro-brasileira, acompanha toda a trajetória do adepto, desde sua iniciação até o momento do desligamento. No ritual fúnebre, entretanto, seu toque é desafinado, conhecido como “tambor chocho”, simbolizando a passagem. Esse som inconfundível anuncia ao longe a despedida e se une aos cantos fúnebres, chamados axexês, entoados para guiar a travessia espiritual. Como escreve Mãe Beata de Yemonjá em “Caroço de Dendê: a sabedoria dos terreiros” (2008, p. 62): “As rezas e cantigas nos enterros falam com os mortos e ensinam os vivos. É a tradição oral que não deixa apagar a lembrança, porque a morte é também aprendizado.” Esse ensinamento reforça o valor pedagógico da oralidade, que forma não apenas pela instrução direta, mas pelo exemplo ritual e simbólico.

A oralidade se faz presente em absolutamente todos os aspectos da religião de matriz africana: comportamentos, vestimentas, comidas, oferendas, rezas e cantigas. Nos ritos fúnebres, essa dimensão oral é ainda mais evidente. Vestir-se de branco e cobrir o ori em respeito ao orixá cultuado, durante o sepultamento, é também um ato de transmissão simbólica. O falecido passa a ser reverenciado como egum, ancestral que, após a morte, torna-se culto espiritual para a comunidade religiosa a qual pertencia.

Os mais antigos, durante os ritos, narram histórias e lembranças da vida do falecido, unindo memória pessoal, história coletiva e ensinamento religioso. Essa prática reafirma que o axé, força vital que circula entre todos, permanece presente na fala e na lembrança. Preparar comidas para o ritual, servir e partilhar os alimentos, não é apenas gesto material, mas ato simbólico de continuidade: aquilo que se partilhava em vida é novamente oferecido, como prova da presença ancestral.

Há ainda simbolismos singulares, como o uso de calçados nos ritos fúnebres. Diferente dos momentos solenes em vida, nos quais os adeptos muitas vezes permanecem descalços em reverência ao sagrado, no ritual fúnebre todos estão calçados. Esse fundamento está ligado à memória dos ancestrais escravizados que, quando alforriados, exibiam sapatos nos pés ou no pescoço como símbolo de liberdade. Assim, calçar o corpo sem vida, mesmo com sua vestia religiosa usada antes descalça, representa a libertação final do espírito das amarras da carne e sua elevação a um grau maior na hierarquia espiritual, sua alforria carnal.

Outro momento de profundo significado é o ato de embalar o caixão de trás para frente. Transmitido pela tradição oral, esse gesto simboliza o desprendimento entre corpo e espírito: um retorna à terra, outro segue à espiritualidade. A oralidade preserva ainda a explicação mítica de que esse balanço remete ao navio, que trouxe os ancestrais da África para o Brasil. Assim como o navio os conduziu à travessia, agora não mais de forma violenta, o balanço do caixão conduz o espírito de volta à terra-mãe, agora em condição de ancestralidade. É um gesto que carrega dor, mas também esperança, pois reafirma a presença do falecido na memória coletiva e no culto religioso que se perpetua junto ao seu nome e de seus ancestrais.

A importância cultural demonstrada nesses ritos evidencia a riqueza da oralidade viva nos terreiros. Os griôs, detentores da palavra e da memória, exercem papel fundamental na preservação dos saberes ancestrais. Por meio das histórias, dos cantos e dos rituais, os ensinamentos seculares são perpetuados, assegurando que o legado dos mais velhos permaneça como guia para os mais jovens. Nem mesmo as marcas da escravidão foram capazes de apagar essa força, pois mesmo após a morte, a presença do adepto se perpetua na memória dos seus, demonstrando que a oralidade é, ao mesmo tempo, elo, resistência e herança cultural.

Assim a Yalorixá Beata de Yemonjá afirma que, “No axé, a morte é encontro. Os mais velhos partem, mas ficam no corpo da comunidade, porque é a palavra, o gesto e a memória que os mantém vivos. Cada ritual é um modo de ensinar e de lembrar.” (MÃE BEATA DE YEMONJÁ, 2008, p. 58).

4. CONSIDERAÇÕES

Pensando nas diversas epistemologias e sobretudo na descolonização do pensamento acadêmico, é importante reconhecer os diversos conhecimentos e saberes ancestrais, a universidade sendo um lugar de produção de conhecimento se faz fundamental que contribua para ser um espaço de ensino diverso e inclusivo. Assim reconhecer, valorizar os rituais fúnebres no Batuque do RS, para além de preservar as tradições, também funciona como práticas pedagógicas comunitárias, onde através da oralidade ensina, transmite e fortalece identidades.

Reforça a oralidade como patrimônio cultural imaterial que resiste ao silenciamento histórico e reforça o papel da universidade na valorização destes saberes.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORBA, R. **Arísùn – O ritual fúnebre no Batuque do RS.** [S.I.]: Independente, 2013.

YEMONJÁ, M. B. de. **Caroço de dendê: a sabedoria dos terreiros.** Rio de Janeiro: Pallas, 2008.

SOUZA, H. E. de. **A morte no Batuque: o culto aos ancestrais no Rio Grande do Sul.** 2006. 80f. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

OXALÁ, P. B. de. **Arísùn ritual aos eguns.** YouTube, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YgDB7qdU2BQ>. Acesso em: 19 ago. 2025.